



Revista  
**Educar Mais**

## Criatividade na escola e na extensão rural

*Creativity at school and in rural extension*

*Creatividad en la escuela y extensión rural*

Cleber Melo da Silva<sup>1</sup>  ; Monica Nardini da Silva<sup>2</sup> 

### RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar a noção de criatividade, com base na psicologia histórico-cultural de Vigotski, discutindo sugestões de trabalho criativo em dois espaços diferentes e importantes de aplicação criativa: a escola e a extensão rural. São apresentadas as noções de criatividade com base na psicologia de Vigotski. Descrevem-se algumas sugestões de trabalho criativo na escola. A extensão rural é discutida em sua necessidade de trabalho criativo. Conclui-se que a compreensão do conceito de criatividade (aqui discutida a luz da psicologia histórico-cultural) é fundamental para a implementação de trabalhos criativos em diferentes espaços de trabalho.

**Palavras-chave:** Criatividade; Escola; Extensão Rural.

### ABSTRACT

*The objective of this work is to present the notion of creativity, based on Vygotsky's cultural-historical psychology, discussing suggestions for creative work in two different and important spaces of creative application: the school and the rural extension. Notions of creativity based on Vygotsky's psychology are presented. Some suggestions for creative work at school are described. Rural extension is discussed in its need for creative work. It is concluded that the understanding of the concept of creativity (focusing the discussion according to the historical-cultural psychology) is fundamental for the implementation of creative works in different work spaces.*

**Keywords:** Creativity; School; Rural Extension.

### RESUMEN

*El objetivo de este trabajo es presentar la noción de creatividad, basado en la psicología histórico-cultural de Vygotsky, discutiendo sugerencias para el trabajo creativo en dos espacios diferentes e importantes de aplicación creativa: escuela y extensión rural. Se presentan nociones de creatividad basadas en la psicología de Vygotsky. Se describen algunas sugerencias para el trabajo creativo en la escuela. Se discute la extensión rural en su necesidad de trabajo creativo. Se concluye que la comprensión del concepto de creatividad (aquí discutido a la luz de la psicología histórico-cultural) es fundamental para la implementación de trabajos creativos en diferentes espacios de trabajo.*

**Palabras clave:** Creatividad; Escuela; Extensión rural.

<sup>1</sup> Licenciado em Pedagogia e Mestrando em Educação na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Jaguarão/RS - Brasil. E-mail: cleberdopinheiro@gmail.com

<sup>2</sup> Graduada em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial, Mestre em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais e Doutora em Agronomia (Sistemas de Produção Agrícola Familiar) pela Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS - Brasil. E-mail: moninardini@yahoo.com.br

## 1. INTRODUÇÃO

Definir criatividade é uma tarefa complexa, polêmica e, por vezes, desafiadora. Esse vem sendo o objetivo de muitos pesquisadores de diversos campos nos últimos setenta anos. A respeito da definição de criatividade,

Pode haver tantas definições estreitas de criatividade quantas pessoas que pensam sobre o tema. Contudo, a maioria dos investigadores do campo da criatividade define-a amplamente como o processo de produzir algo que é original e de valor. Esse algo poderia assumir muitas formas. Pode ser uma teoria, uma dança, um químico, um processo ou um procedimento, uma história, uma sinfonia ou quase qualquer coisa (STERNBERG, 2008, p. 399).

Assim, a criatividade vem sendo caracterizada, em linhas gerais, como um processo que resulta em um produto e que precisa ser original e ter algum valor. Aqui, parece residir uma importante limitação sobre o conceito de criatividade, quando se associa a ela a necessidade de produzir algo original. Outra definição para criatividade é a que associa a criatividade à resolução de problemas. Alencar (1996) destacou que, no discurso de Guilford, na *American Psychological Association*, preocupava-se com a relevância social da criatividade, pois esta poderia desempenhar importante papel na resolução dos problemas enfrentados pela humanidade. Apesar de não haver resistências ao fato de que para se resolver problemas exige-se criatividade, também não parece ser adequado definir criatividade apenas como resolução de problemas cotidianos.

Acreditamos que essas formas mais difundidas de conceituar a criatividade (produzir algo original e de valor e capacidade de resolução de problemas), dentro de uma grande quantidade de possibilidades teóricas de conceitualização, apresentam limitações. Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar a noção de criatividade, com base na psicologia histórico-cultural de Vigotski, discutindo sugestões de trabalho criativo em dois espaços diferentes e importantes de aplicação criativa: a escola e a extensão rural. Por isso, na sequência, apresentamos outra forma de olhar para a criatividade, sustentada na psicologia histórico-cultural de Vigotski.

## 2. UM REFERENCIAL PARA COMPREENDER CRIATIVIDADE

Para darmos conta da tarefa de discutir a criatividade a partir da contribuição da psicologia histórico-cultural de Vigotski, atemo-nos às contribuições presentes no livro *"Imaginação e criatividade na Infância – Ensaio psicológico"*. Nas definições de criatividade mais difundidas, que vimos a pouco, não fica claro quais os processos que estão relacionados a "produzir algo original e de valor" ou ainda à "resolução de problemas". Um desses processos mentais que estão relacionados à criatividade, e que, de acordo com Vigotski (2014), tem papel indispensável para o processo criativo, é a imaginação. Contudo, muitas vezes, a imaginação é compreendida como fantasia e irrealidade. Entretanto, Vigotski destaca o valor da imaginação para a criatividade humana,

A psicologia chama de imaginação ou fantasia essa atividade criadora do cérebro humano baseada nas capacidades combinatórias, atribuindo a elas um sentido diferente daquele que lhe é atribuído cientificamente. Na sua concepção comum, a imaginação ou fantasia designam aquilo que é irreal, o que não corresponde à realidade e, portanto, sem nenhum valor prático. No entanto, a imaginação como fundamento de toda a atividade criadora manifesta-se igualmente em todos os aspectos da vida cultural, possibilitando a criação artística, científica e tecnológica. Nesse sentido, absolutamente tudo o que nos rodeia e que foi criado pela mão do

homem, todo o universo cultural, ao contrário do natural, é produto da imaginação e criação humanas (VIGOTSKI, 2014, p. 4).

Podemos observar que a imaginação conserva algumas características para Vigotski. Primeiro, como um fundamento para toda a atividade de criação. O ato de criar algo exige um planejamento prévio, ou seja, é preciso imaginá-lo antes de tomar forma objetiva e real. Logo, a imaginação é um procedimento mental que precede à criação em si. Para Vigotski (2014), a criatividade manifesta em um objeto, imagem ou arte é a manifestação concreta e objetiva de um processo de imaginação que se deu anterior ao ato criativo. O autor complementa ainda que tudo que pertence ao universo cultural da vida é fruto da imaginação e da criação. Nesse sentido, opõe-se a uma ideia de que imaginação e/ou fantasia é aquilo que se refere ao irreal, pois o ciclo completo do processo criativo que parte da imaginação (e termina em um produto) conecta-se com o mundo real, pois a criação humana é endereçada ao outro, com valor prático ou simbólico para o outro e nunca em função de si mesma. Também é correto afirmar que o ato de combinar ideias no processo de pensamento não nasce apartado das experiências objetivas e subjetivas do indivíduo com o mundo, colocando em questionamento então, a ideia de imaginação como sinônimo de irrealidade. Sobre essa relação entre imaginação, atividade criativa e realidade, Vigotski compreende quatro formas de vínculos entre realidade e imaginação:

A primeira forma de vinculação da fantasia com a realidade consiste no fato de que qualquer ato imaginativo se compõe sempre de elementos tomados da realidade e extraídos da experiência humana pregressa. Seria um milagre se a imaginação pudesse criar algo do nada, ou se dispusesse de outras fontes de conhecimento que não a experiência passada. Só as representações religiosas ou míticas da natureza humana poderiam atribuir ao processo imaginativo uma origem sobrenatural, não vinculada a nossa experiência passada (VIGOTSKI, 2014, p. 10).

É possível observar que a imaginação não é um processo apartado do mundo real e que, para Vigotski (2014), a imaginação está diretamente relacionada com a variedade e a riqueza de experiências vividas e acumuladas pelos seres humanos, sendo essas experiências matéria base para as elaborações e construções da imaginação.

Sobre a relação entre imaginação e realidade, Vigotski nos ajuda a compreender uma implicação pedagógica:

A conclusão pedagógica que podemos tirar daqui é a necessidade de ampliar a experiência da criança se quisermos proporcionar-lhes bases suficientemente sólidas para a sua atividade criativa. Quanto mais a criança vir, ouvir e experimentar, quanto mais aprender a assimilar, quanto mais elementos da realidade a criança tiver à sua disposição na sua experiência, mais importante e produtiva, em circunstâncias semelhantes, será sua atividade imaginativa (VIGOTSKI, 2014, p. 13).

Aqui parece claro que o desenvolvimento da criatividade está diretamente relacionado com os processos mentais de imaginação, que dão fundamentos a criação, e que quanto mais rica for a experiência e a vivência da criança, mais elementos combinatórios estarão à disposição do cérebro da criança (e mais produtiva será a sua atividade criadora). Vigotski (2014) identifica que a criatividade mobiliza capacidades combinatórias e conservadoras do nosso cérebro. A atividade combinatória não é algo novo em relação à sua atividade conservadora, mas uma forma mais complexa. Logo, a imaginação não se opõe à memória das experiências anteriores, pelo contrário,

a atividade combinatória do cérebro fundamenta-se no fato de o cérebro conservar traços das estimulações anteriores, e tudo o que é novo nessa função se reduz sensivelmente, ao fato de que o cérebro combina esses traços em posições diferentes daquelas em que se encontravam na realidade (VIGOTSKI, 2014, p. 13).

A imaginação é a combinação que o cérebro faz de diferentes elementos assimilados da realidade. Por mais fantásticas que determinadas imagens inventadas possam ser, elas são a combinação de elementos reais e isolados que se mostram no contexto do homem. Essa, então, é considerada por Vigotski como a primeira forma de vinculação entre realidade e imaginação.

Diferentemente da primeira forma de vinculação da imaginação à realidade (elementos de construção fantástica e a realidade), a segunda forma de vinculação diz respeito à relação entre o produto final da imaginação e elementos complexos da realidade. Vigotski (2014) traz como exemplo os estudos e relatos de historiadores sobre algum fato histórico muito antigo, e que nessa situação, conseguimos imaginar os fatos que não vivemos e experienciamos. Essa atividade criativa exige um prévio conjunto de ideias e representações na memória semântica sobre conhecimentos da área de história, para que seja possível criar na imaginação um quadro histórico que o sujeito não tenha participado, mas que a partir desse processo, considero-o algo real. No primeiro vínculo entre imaginação e realidade, o resultado do processo imaginativo parte da realidade, mas se materializa num produto fantasioso. No segundo vínculo, criamos uma imagem mental, a partir de experiências anteriores e de conhecimentos prévios, para ter um produto (imaginativo) que corresponde a um processo histórico real. Por isso, para Vigotski (2014), o produto final da imaginação se relaciona com elementos complexos da realidade. Nesse processo de criar uma imagem sobre um fato histórico não vivido pelo indivíduo que imagina, fica evidente o papel da experiência alheia e da socialização do conhecimento, tornando um processo mental – que aparentemente é individual, que pese a particularidade que cada ser produz ao criar sua própria imagem mental sobre algum fato – algo diretamente relacionado ao meio cultural em que o sujeito está inserido.

Essa forma de vinculação entre a imaginação e a realidade ganha uma posição de destaque para Vigotski, pois tem implicações importantes para o desenvolvimento e a existência do ser humano no seu meio social:

Nesse sentido a imaginação adquire uma função muito importante no comportamento e desenvolvimento humanos, transforma-se em meio para ampliar a experiência do homem porque, desse modo, este poderá imaginar aquilo que nunca viu, poderá a partir da descrição do outro, representar para si também a descrição daquilo que na sua própria existência pessoal não existiu, o que está limitado pelo círculo e fronteiras restritas da sua própria existência, mas pode também ir além das suas fronteiras, assimilando, com a ajuda da imaginação, a experiência histórica e social dos outros. Sob essa forma, a imaginação é condição absolutamente necessária de quase toda a atividade intelectual do homem (VIGOTSKI, 2014, p. 15).

A partir do exposto, é possível identificar que assim como na primeira forma de vinculação entre imaginação e realidade – onde a experiência está a serviço da imaginação – na segunda forma, a imaginação está a serviço da experiência, quando esta é adquirida a partir da relação com o outro ou com o conhecimento. Logo, a partir desta reflexão, parece ficar evidente que a ideia de que imaginação é sinônimo de irreal é frágil, e que a imaginação além de ser condição necessária para inúmeras atividades intelectuais, é imprescindível para o processo de criação, para a criatividade como um todo.

A terceira forma de vínculo entre a imaginação e a realidade está na relação entre imaginação, criatividade e emoções. Vigotski (2014) chama de "conjunção emocional" essa terceira forma de vínculo entre imaginação e realidade. Para o autor, esse vínculo se dá de dois modos, tendo por um lado:

Todo o sentimento e emoção tendem a revelar-se em determinadas imagens que lhe correspondem, como se a emoção tivesse a capacidade de escolher as impressões, os pensamentos e as imagens que estão em consonância com um determinado estado de humor e disposição que nos domina nesse exato momento. Sabe-se que, no desgosto e na alegria, não vemos as coisas com os mesmos olhos. Os psicólogos alertaram-nos, há muito tempo, que cada sentimento não tem apenas uma expressão corporal exterior, mas igualmente uma expressão interior, que se manifesta na escolha dos pensamentos, imagens e impressões. Eles chamaram esse fenômeno de lei da dupla expressão de sentimentos (VIGOTSKI, 2014, p. 16).

Aqui surgem duas caracterizações importantes, sendo a primeira a ideia de que a imaginação serve de expressão interior dos nossos sentimentos e emoções. O valor dessa compreensão é enorme para a questão da produção artística e da arte como uma manifestação exterior – sob formas estéticas e sociais – de imagens interiores que sintetizam um sentimento, que Vigotski (2001) definiu como uma técnica social do sentimento. A segunda caracterização é a de que o estado emocional pode produzir imagens, ou seja, as imagens fantásticas, ao utilizar uma linguagem interior, combinam elementos que correspondem ao nosso bem-estar emocional e não necessariamente à uma lógica exterior desses próprios elementos. Esse mecanismo – de influência das emoções nas combinações produzidas pelo cérebro – fora chamado de lei do sinal emocional comum:

A essência dessa lei consiste em que as impressões e imagens que causam um efeito emocional comum tendem agregar-se entre si, apesar de não existir entre elas nenhuma semelhança interior ou exterior. O resultado é uma combinação de imagens baseadas em sentimentos comuns ou um mesmo sinal emocional que aglutina elementos heterogêneos que se conectam (VIGOTSKI, 2014, p. 16).

Esse processo de conjunção emocional (terceiro vínculo entre imaginação e realidade) citado por Vigotski, apresenta dois modos, e vimos que no primeiro modo a imaginação se relaciona à duas leis: a lei da dupla expressão dos sentimentos, onde os sentimentos ganham uma expressão interior através do processo de imaginação; e a lei do sinal emocional comum, onde a imaginação combina elementos que produza sentido para o estado emocional dos indivíduos. Aqui a imaginação está a serviço da síntese interior da expressividade do sentimento e é o sentimento que influencia a imaginação.

Já no segundo modo do processo de conjunção emocional citado por Vigotski (2014), é a imaginação que influencia o sentimento. Esse processo se materializa na lei da representação emocional da realidade. Logo, se no primeiro caso a imaginação é influenciada pelo estado emocional, agora, a imaginação também exerce influência no estado emocional, o que Vigotski (2014) chamou de relação recíproca entre imaginação e emoções.

A quarta e última forma de vínculo entre a imaginação e a realidade diz respeito à possibilidade de criação, a partir da imaginação, de algo genuinamente novo e real:

A essência dessa última forma consiste em que a construção da fantasia pode representar algo essencialmente novo, não existente na experiência do homem, nem semelhante a nenhum objeto real; porém, ao assumir uma nova forma material, essa imagem "cristalizada", convertida em objeto, começa a existir realmente no mundo e a influenciar os outros objetos (VIGOTSKI, 2014, p. 19).

Assim, a imaginação, que se nutre de elementos da realidade, pode dar origem a algo novo e tornar-se, em si, parte da realidade. Podemos observar esse processo nos episódios de invenção de novas máquinas, de técnicas de trabalho, de tecnologias, de medicamentos e vacinas, de produções artísticas, entre outros. Nesse momento, a imaginação que derivou de elementos reais, torna-se real, influenciando novos processos de imaginação. Esse percurso é chamado de ciclo:

Os elementos a partir dos quais foram construídos foram apropriados pelo homem da realidade e em seu pensamento foram sujeitos a um trabalho de reconstrução, transformando-os em produtos da imaginação. Por fim, ao serem materializados, voltaram outra vez à realidade, mas trazendo consigo uma força ativa nova, capaz de transformar essa mesma realidade, fechando-se, assim, o ciclo da atividade criativa da imaginação humana (VIGOTSKI, 2014, p. 20).

Para o autor, esse ciclo se refere tanto às produções objetivas quanto às produções subjetivas. Se a criatividade se materializa na conclusão do ciclo da imaginação, é necessário compreendermos o mecanismo da imaginação que nos leva a criatividade. No início do processo imaginativo, para Vigotski (2014), estão as percepções externas e internas que constituem as nossas experiências. Aquilo que as crianças vivenciam é a base para a sua imaginação e criatividade futura. As impressões adquiridas através da percepção passam por um processo complexo de dissociação, modificação e associação.

Vigotski (2014) entende por dissociação o mecanismo de fragmentação das impressões derivadas das percepções internas e externas, que consiste em separar as partes individuais das impressões, sendo algumas delas fixadas na memória e outras simplesmente esquecidas. Para o autor, o processo de dissociação é "uma condição necessária para a subsequente atividade da fantasia" (VIGOTSKI, 2014, p. 26), e que essa capacidade de extrair elementos específicos de uma gama de impressões advindas da realidade através da percepção tem fundamental importância para o posterior processo de criação.

O processo de modificação, por sua vez, é definido por Vigotski (2014) como uma transformação das impressões sustentada na permanente dinâmica das estimulações e excitações nervosas típicas do funcionamento cerebral. Ou seja, as imagens e impressões dissociadas no primeiro momento não são armazenadas de forma imóvel no cérebro, mas sim, compõem um processo de intensa mudança, movimentação e transformação que garantem as modificações das percepções captadas inicialmente nas experiências vividas pelos indivíduos. Para o autor,

as impressões captadas da realidade são transformadas, aumentando ou reduzindo as suas dimensões naturais. A inclinação das crianças pelo exagero, do mesmo modo que essa mesma forte inclinação nos adultos, tem uma causa interna muito profunda. Essas causas consistem na maior parte das vezes na influência que o nosso sentimento interior exerce sobre as impressões exteriores. Exageramos porque queremos ver as coisas na sua forma aumentada quando isso corresponde às nossas necessidades, ao nosso estado de espírito interior (VIGOTSKI, 2014, p. 27).

Vigotski mais uma vez expõe a relação intrínseca entre o processo de imaginação criativa com as emoções e sentimentos vivenciados pelos sujeitos. A imaginação se distancia do senso comum de irrealidade a qual parece estar vinculada na medida que estabelece relações objetivas com a realidade, mas isso não significa ausência de vínculo da imaginação com a subjetividade do sujeito, especialmente no que diz respeito as suas emoções. Agora, podemos ver como Vigotski compreende essa relação (imaginação e emoção) no mecanismo da imaginação criativa. Para Vigotski (2014), essa capacidade de modificar as impressões de acordo com nossas necessidades e desejos é o elemento

chave para as criações produzidas pela humanidade, sejam elas as artísticas, as científicas ou as cotidianas.

O processo de associação, que sucede à dissociação e a modificação, consiste no encontro desses dois últimos processos. Para Vigotski, essa associação “pode ocorrer sobre bases diferentes e adotar formas diferentes, que vão desde o agrupamento puramente subjetivo de imagens até à junção científica objetiva” (VIGOTSKI, 2014, p. 29). Esse processo de associação nos leva ao momento final,

a combinação de imagens isoladas que são combinadas em um sistema, encaixadas num quadro complexo. A atividade da imaginação criativa, porém, não termina nesse ponto (...) o ciclo completo dessa atividade só estará completo quando a imaginação se converter ou se cristalizar em imagens exteriores (VIGOTSKI, 2014, p. 30).

Logo, o processo de combinação de imagens é o ponto de transição para o ato criativo, ou seja, o momento em que a imagem pode ganhar materialidade, transformando-se em objeto (material ou simbólico) concluindo, assim, o ciclo da imaginação criativa afirmada por Vigotski.

Ainda cabe ressaltar que Vigotski (2014) apresenta como elemento determinante para todo o processo da imaginação dois fatores psicológicos: a necessidade de adaptação ao meio e o surgimento espontâneo de imagens:

Um ser totalmente adaptado ao mundo que o rodeia não poderia desejar, não buscaria nada de novo e, certamente, não poderia criar. Por isso, na base de toda a ação criadora está sempre subjacente a inadaptação a partir da qual surgem necessidades, aspirações e desejos (...) A existência de necessidades ou aspirações, põe, desse modo, em movimento o processo imaginativo, revivendo as marcas das excitações nervosas que fornecem material para o seu funcionamento. Essas duas condições são necessárias e suficientes para que compreendamos a atividade da imaginação e de todos os processos que a integram (VIGOTSKI, 2014, p. 30).

A necessidade de adaptação ao meio como motivação para a criação conserva importante relação com a concepção de Vigotski sobre o desenvolvimento, pois o relaciona com a interação entre o ser e o meio cultural onde este está inserido. Posteriormente, essa necessidade de adaptação do ser apareceu na abordagem humanista como motivação para criação, para a autorrealização e para o desenvolvimento (ALENCAR, 1996).

Por outro lado, o segundo fator psicológico descrito por Vigotski como surgimento espontâneo de imagens, parece ter relação com o que foi defendido anos depois como insight na abordagem cognitivista:

O insight é um entendimento distintivo e aparentemente súbito de um problema ou de uma estratégia que auxilia em sua solução. Com frequência, um insight envolve a reconceituação de um problema ou de uma estratégia para sua solução de uma maneira totalmente nova. Muitas vezes, envolve detectar e combinar informações relevantes antigas e novas para obter uma visão renovada do problema e sua solução (STERNBERG, 1996, p. 379).

Até agora, conseguimos estabelecer diferenças entre a criatividade e a imaginação. Entretanto, fica claro que essa diferença não exclui uma relação de interdependência entre esses processos psíquicos, pelo contrário, é exatamente as diferenças entre criatividade e imaginação que possibilitam uma interrelação dialética entre ambos os processos. Para Vigotski (2014) aquilo que é chamado de criação é apenas “um ato do nascimento” que acontece depois de um longo processo interno desenvolvido previamente. Logo, a imaginação é um processo mental que dará as bases necessárias para o ato

criativo. Porém, cabe salientar que essa relação não é linear, pois o surgimento de algo novo, além de motivação, é subsídio para a imaginação também. Ou seja, trata-se de uma relação dialética entre ambos os processos mentais.

Assim sendo, a criatividade não pode ser resumida como resolução de problemas como fazem algumas abordagens psicológicas, em especial a psicologia cognitivista. Resolver um problema, seja ele cotidiano, prático ou simbólico, é apenas uma das facetas da criatividade. Acreditar que responder a um estímulo qualquer seja criatividade é uma perspectiva insuficiente. Por mais que a criatividade nos permita resolver ações cotidianas ou estímulos outros quaisquer, ela não se limita a isso. Ao passo que a imaginação, enquanto processo, tem uma característica subjetiva, um mecanismo interno, mas profundamente conectado com a realidade e as percepções externas e internas dos indivíduos, a criatividade é considerada por Vigotski (2014) como atividade criativa, como ato criador, ou seja, com características objetivas, exteriores, de materialização através de objetos, ações ou símbolos, "chamamos de atividade criativa a atividade humana criadora de algo novo, seja ela uma representação de um objeto do mundo exterior, seja uma construção da mente ou do sentimento característicos do ser humano" (VIGOTSKI, 2014, p. 1). Para o autor, a criatividade é sempre endereçada ao outro, ao mundo, seja em forma de objeto, sentimentos ou símbolos, ou seja, é a materialização, a cristalização daquilo que fora previamente desenvolvida no processo imaginativo do sujeito.

Para Vigotski (2014), a atividade criativa se divide em dois tipos básicos que o autor chama de atividade reprodutiva ou reprodutora e a atividade criadora ou combinatória. A atividade reprodutiva está profundamente ligada à nossa capacidade de memória, pois tal atividade consiste no fato do indivíduo reproduzir normas de comportamento já apreendidos, criados ou elaborados anteriormente, ou ainda, impressões e sentimentos passados. Para o autor, "nosso cérebro constitui-se em um órgão que preserva nossas experiências já vividas e facilita a sua repetição" (VIGOTSKI, 2014, p.3). E essa capacidade é de grande importância para a vida humana, pois permite a conservação das nossas vivências e experiências anteriores, e isso facilita a nossa adaptação ao ambiente em que estamos inseridos, proporcionando o desenvolvimento de hábitos e condutas que se repetem e favorecem a resolução de problemas típicos da nossa vida cotidiana. Aqui reside uma importante diferença com a ideia amplamente difundida na psicologia de que a criatividade é sempre a produção de algo original e novo:

No entanto, se a atividade cerebral se reduzisse apenas à conservação das experiências passadas, o homem seria uma criatura capaz de se adaptar, com preponderância, somente às condições constantes e habituais do meio exterior. Quaisquer transformações novas e inesperadas no meio ambiente que não tivessem sido vivenciadas anteriormente pelo homem como uma experiência, por sua vez, não seriam capazes de desencadear uma resposta adaptativa. Assim, juntamente com essa função de preservação de experiências passadas, o cérebro possui outra função não menos importante. (VIGOTSKI, 2014, p. 3).

Apesar da fundamental importância da atividade reprodutora, entra em cena outra função muito importante, a qual Vigotski chamou de atividade criadora ou combinatória. A criatividade é também a atividade humana que cria e combina, que produz algo novo:

Toda a atividade humana que não se restringe à reprodução de fatos e impressões vividas, mas que cria novas imagens e ações, pertence a essa segunda função criadora e combinatória. O cérebro não é apenas um órgão que se limita a conservar ou reproduzir nossas experiências passadas, mas é também um órgão combinatório, criador, capaz de reelaborar e criar, a partir de elementos de experiências passadas,

novos princípios e abordagens. Se a atividade humana se reduzisse apenas à repetição do passado, então o homem seria um ser voltado somente para o passado e incapaz de se adaptar ao futuro. É justamente a atividade criadora humana que faz do homem um ser que se projeta para o futuro, um ser que cria e modifica o seu presente (VIGOTSKI, 2014, p. 3).

A atividade criadora é a que cria e modifica o presente, que materializa, tornando real, aquilo que fora imaginado anteriormente. É a criatividade uma das funções psicológicas fundamentais para o processo de adaptação dos indivíduos aos desafios impostos pelo meio. Destaca-se ainda que, para Vigotski, a criatividade está presente em todos os seres humanos, em maior ou menor grau, pois

existe de fato criatividade não só quando se criam grandiosas obras históricas, mas também, sempre que o homem imagina, combina, altera e cria algo, mesmo que possa parecer insignificante quando comparado às realizações dos grandes gênios. Se considerarmos, ainda, a existência da criatividade coletiva, que reúne todas essas contribuições por si só insignificantes da criação individual, compreenderemos que grande parte de toda a criação humana corresponde precisamente à criação coletiva anônima de inventores anônimos (VIGOTSKI, 2014, p. 5).

Aqui aparece de forma mais objetiva a ideia de criatividade, que se dá quando o homem imagina, combina, altera e cria algo novo. Entende-se aqui a criatividade como um construto psicológico que se articula com outras funções psicológicas como a percepção, a imaginação, o planejamento, a memória, entre outras funções executivas. O autor ainda chama a atenção para a criatividade coletiva, que é a contribuição das criações individuais existentes. Para Vigotski (2014), “tudo o que ultrapassa os limites da rotina, mesmo que tenha somente uma pequeníssima parcela de novidade, deve-se ao processo criativo humano” (VIGOTSKI, 2014, p. 6). Logo, a criatividade como consequência de um longo processo interno (VIGOTSKI, 2014) de imaginação, combinação, alteração e criação se articula com uma ideia fundamental para a sociedade, o trabalho humano. Para Marx (1987), o trabalho é a transformação da natureza em favor do homem e produtor de riqueza. Se por um lado, o trabalho para Marx, é um organizador da vida social e da riqueza produzida pelo homem – que tem valor de uso e valor de troca, muitas vezes em forma de mercadoria ou produto – por outro lado, ele é a transformação permanente da natureza. E sendo assim, parece claro compreendermos que sem imaginação criativa – como ação que modifica a realidade – não há trabalho. Logo, a criatividade precisa ser compreendida para além das definições amplamente difundidas na psicologia - como a resolução de problemas – pois tem significativo valor para a vida social. Assim, o trabalho possa ser, também, a criatividade socialmente organizada em favor da transformação da natureza e das relações sociais. O trabalho humano passou, e ainda passa, por mudanças profundas na sua organização, técnica e tecnologia. Tais mudanças, se aplicarmos o conceito de Vigotski sobre criatividade, são consequência de um longo processo de imaginação e criatividade humana. As máquinas, as tecnologias da informação e da comunicação, a organização do mercado de trabalho, a matriz energética, a matriz econômica, a gestão de pessoas, as necessidades de consumo, e tudo o mais, são consequências da criação humana. E é essa criação humana que contribuiu para as novas formas de trabalho. E sendo assim, parece evidente que a criatividade é um construto complexo, que articula dimensões individuais e coletivas, presente nas relações intrapsíquicas e interpssíquicas, superando, então, as concepções generalistas como a resolução de problemas, por exemplo.

### 3. ESCOLA E EXTENSÃO RURAL

A questão da competência ganhou visibilidade nos meios de comunicação, nos debates econômicos, acadêmicos e educacionais. A competência extrapolou as fronteiras da produção, se difundindo nos diversos espaços sociais, entre eles, o da educação. O tema da competência invadiu o âmbito educacional. Os documentos do Ministério da Educação (MEC), como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), estão permeados pelo conceito de competência e habilidades. Inclusive, na introdução do documento legal é possível encontrar como justificativa das competências e habilidades, as transformações no cenário internacional,

É possível afirmar que, as mudanças no modelo de gestão do capital e a incursão da noção de competência, vem contribuindo para uma mudança de paradigma no papel da escola e da educação, que deixa de ser o de adquirir uma base de conhecimentos e saberes historicamente construídos para tornar-se o de preparar o educando para saber buscar a informação necessária no momento preciso que ela se torna indispensável. Até então, o modelo centrado nos inúmeros saberes passa a ser substituído pelo modelo centrado no indivíduo, para que ela possa selecionar e dispor de informações, características pessoais e habilidades que o levem a ser capaz de tornar-se empregável. A criatividade, através do *'ser criativo'* e *'resolver problemas'* juntamente com outros atributos, se destaca enquanto uma competência do indivíduo.

Essa ideia de competência ganha lastro social, segundo Kober (2004), devido ao fato de ela ser discutida de forma articulada com outros aspectos valorizados pela sociedade como o conceito de cidadania, democracia, respeito às diferenças e igualdade social. Ou seja, preparar um indivíduo competente torna-se importante para desenvolver a democracia, a economia do país, combater as desigualdades e o aumento da participação política. Esse lastro social conquistado pela noção de competência acaba escamoteando a responsabilidade dos fatores econômicos e políticos para o desemprego, na medida em que se delega a responsabilidade pelo desemprego ao trabalhador. Logo, a culpa do desemprego não é da dinâmica econômica, mas sim do indivíduo, que não é competente o suficiente para ocupar determinado lugar social ou criativo o suficiente para empreender.

Ao ingressar no campo da educação, a questão das competências vai se massificando em vários aspectos educacionais, como na avaliação, na gestão educacional e na formação para o trabalho docente. Kober (2004) já apontava uma década antes da publicação da BNCC, que as noções de competências – que emergiram no contexto social e econômico de transformações estruturais – não permaneceriam restritas ao âmbito da produção, mas que se observava, já em outros contextos, a influência desse processo no cenário educacional. Além disso, Kober (2004) apontava as competências como atributos pessoais empregados na produção e associadas aos conceitos de cidadania e democracia como forma de dar lastro social às mudanças advindas do processo de reestruturação produtiva.

Ao observarmos esse processo dialógico entre mudanças no mundo do trabalho e políticas educacionais, especialmente como a noção de competências transita nesses cenários – surge como uma demanda do cenário econômico e social, ganha lastro em outros âmbitos como a educação, efetiva-se na formação dos sujeitos, esperando destes, um retorno ao mundo do trabalho em forma de competências e habilidades – é possível fazer as seguintes questões: Que competências são essas? A criatividade é entendida como uma competência nesse cenário?

A própria Base Nacional Comum Curricular se encarrega de responder. Das dez competências gerais da Educação Básica, quatro delas têm relação direta e/ou indireta com a criatividade. Se compararmos com outros documentos legais do mesmo tipo, os curriculares, como os Parâmetros Curriculares Nacionais e as Diretrizes Curriculares Nacionais, pode-se afirmar que a criatividade ganha papel de destaque e protagonismo na BNCC, pois a criatividade não está restrita à área da arte e das linguagens, como era comum em outras épocas, mas sim como parte significativa das competências gerais de toda a Educação Básica:

2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas. (BNCC, 2017, p. 9).

É possível constatar, na competência geral acima, a ideia de criatividade e imaginação associada à investigação científica, à resolução de problemas e à criação de soluções combinando diferentes áreas. Nessa perspectiva exposta, vemos que a criatividade ganha um significado para além da criação em arte e da fantasia. Associa-se, aqui, a criatividade como uma ferramenta para investigar causas, elaborar e testar hipóteses e resolver problemas.

O fato de a criatividade estar relacionada à resolução de problemas não significa que ela esteja ausente dos processos artísticos no ambiente escolar. Inclusive, logo após a competência examinada acima, a Base apresenta o que segue: "3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural" (BNCC, 2017, p. 9). Nesse trecho cabe observar a ideia-chave de '*participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural*' que vai se associar às competências específicas para o Componente Arte e aos objetos de conhecimento chamados de Processo de Criação, que é uma constante no componente Arte na BNCC.

Outra competência geral para Educação Básica que merece destaque é a que relaciona a produção de sentido às diferentes linguagens:

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo (BNCC, 2017, p. 9).

Produzir sentidos que visem a comunicação e o entendimento entre as pessoas, a expressão de ideias e sentimentos, o compartilhamento de informações, mediadas pelas distintas linguagens, requer um processo intrínseco à imaginação e à criatividade. A criatividade se apresenta aqui como possibilidade comunicativa, na expressão e produção de sentidos na relação do ser com seus pares, demonstrando outra faceta importante para o processo criativo.

Outra ideia chave que aparece no documento legal é a relação da criatividade com as novas tecnologias. A relação entre criatividade e as novas tecnologias se dá, no documento, como uma forma de criar tecnologias de informação e comunicação que nos permita, à luz do pensamento crítico-reflexivo, comunicação, produção de conhecimento e resolução de problemas. Lembrando que este último, está diretamente relacionado com a criatividade e que, algumas vertentes psicológicas, igualam criatividade à resolução de problemas. A criatividade como forma de resolver problemas a partir da mediação das tecnologias também é uma constante no documento e uma característica

esperada e almejada no mundo do trabalho. Nesse caso poderíamos citar como exemplo as startups e as empresas da economia criativa, que dão soluções aos problemas mediante o uso de ferramentas digitais.

Na seção destinada à Etapa da Educação Infantil, a Base Nacional apresenta seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil que figuram como eixos estruturantes: conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se. Dois desses eixos estruturantes se relacionam à criatividade,

Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais (BNCC, 2017, p. 38).

Nesse trecho, a imaginação e a criatividade estão associadas ao brincar, às experiências emocionais, às funções cognitivas, e às relações sociais. É possível compreender a brincadeira como fonte de: 1) criação e imaginação, através dos jogos, da dramatização, da relação com seus pares, da transfiguração do real; 2) experimentação emocional, de expressão de sentimentos, de relação intrapsíquica; 3) de desenvolvimento de funções cognitivas como memória, atenção, flexibilidade cognitiva, planejamento, velocidade do processamento de informações, entre outros.

Ainda sobre os direitos de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil, a BNCC também associa a criatividade como constituição do sujeito: "Expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens" (BNCC, 2017, p. 38). Aqui é possível constatar uma concepção de criatividade vinculada à subjetividade do ser, sua constituição enquanto sujeito, relacionando este sujeito às suas necessidades emocionais, afetivas, bem como sua constituição intrapsíquica.

Os seis direitos de desenvolvimento e aprendizagem na Educação Infantil que figuram como eixos estruturantes serão a base para a organização curricular da Educação Infantil em cinco campos de experiência, a saber: "O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação e Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações" (BNCC, 2017). A criatividade figura como parte constituinte dos objetivos de aprendizagem em três dos cinco campos de experiência que estruturam a proposta curricular da Educação Infantil na Base Nacional. Criatividade, criação, processos criativos, imaginação e criar são algumas das palavras que se alternam no corpo da estrutura curricular da Educação Infantil, na maioria das vezes associadas à arte e às emoções, se diferenciando em parte, da maneira pela qual a criatividade aparece nas competências gerais da educação básica, vinculada à resolução de problemas, à tecnologias, à atributos individuais.

Uma ideia que o texto legal oportuniza é que o estímulo ao pensamento criativo mediado pela linguagem (argumentar, perguntar, interagir com produções culturais e fazer usos de tecnologias da informação e da comunicação) possibilita ao indivíduo uma amplitude de compreensão do mundo, das relações dos seres humanos entre si, das relações do ambiente natural e social e da compreensão de si mesmos. Aqui a criatividade ganha uma dimensão totalizante, relacionada ao indivíduo, enquanto pensamento criativo, mas direcionada ao mundo, nas inúmeras relações do ser com o meio natural e social.

Torna-se fundamental destacar, para além das demais áreas do conhecimento, que a criatividade é uma constante no componente curricular da Arte. Aqui reside mais uma importante ideia-chave para a intervenção pedagógica que esta pesquisa se postula a fazer, a de que a criança pode criar, experimentar o fazer artístico, e que seu processo de vivência artística é tão importante quanto um eventual produto a ser criado. O texto legal complementa que "os processos de criação precisam ser compreendidos como tão relevantes quanto os eventuais produtos" (BNCC, 2017, p. 193). Articula-se a isso a concepção de Vigotski (2010) sobre a criação infantil, onde formula que a produção da criança tem maior valor pedagógico do que estético, e que esses processos de criação são necessários ao desenvolvimento da criança.

A concepção da criança que cria, em ruptura com uma ideia de arte contemplativa, se manifesta em todo o componente curricular. O componente Arte propõe uma abordagem que articule seis dimensões do conhecimento: Criação, Crítica, Estesia, Expressão, Fruição e Reflexão (BNCC, 2017). Além disso, a dimensão do conhecimento "Criação" se desdobra em objeto de conhecimento chamado "Processo de criação" que estará em todas as unidades temáticas do componente curricular Arte da em toda a etapa do Ensino Fundamental. Logo, nos parece que a criatividade ganha uma dimensão artística prática, que se funde com a ideia de desenvolvimento, de expressão e vivência.

A análise da Base Nacional Comum Curricular, sob o enfoque da criatividade, nos permite identificar facetas e associações a dimensões distintas da vida prática e sensível dos sujeitos. Inicialmente relacionada a uma dimensão pragmática e prática da vida onde a criatividade aparece como uma competência, um instrumento ou ferramenta que os sujeitos mobilizam para dar conta da flexibilidade da vida contemporânea e seus novos arranjos no campo do trabalho e da produção, muitas vezes fundida com as novas dinâmicas da comunicação e das novas tecnologias. Na Educação Infantil a criatividade aparece articulada às ideias de emoção, afeto, expressividade e constituição subjetiva nas relações intrapsíquicas e interpíquicas vividas pelos sujeitos. No Ensino Fundamental, a criatividade transitando entre as dimensões práticas, sensíveis e artísticas. A primeira na relação com as tecnologias e nas resoluções de problemas; a segunda, na expressividade, na brincadeira, no jogo, na emoção; e na terceira como um elemento constitutivo da prática artística.

Essa variação observada nas associações da criatividade não nos parece uma contradição do documento, mas uma expressão complexa e dialética da criatividade enquanto um fenômeno observado no contexto social, que se associa à inúmeros campos da vida humana, seja do ponto de vista objetivo e material, onde a criatividade se manifesta como instrumento, ferramenta para resolução de problemas prático e cotidiano; seja do ponto de vista subjetivo e imaterial – onde a criatividade se relaciona aos campos do sensível da vida humana, nas relações intra e interpíquicas, nas emoções, afetos e nas representações simbólicas como a manifestação artística, por exemplo.

A extensão rural pode ser definida como um processo educativo que visa a comunicação de conhecimentos (PEIXOTO, 2008). A extensão rural, inicialmente, voltava-se para a difusão dos conhecimentos tecnológicos aos agricultores, modelo que foi predominante desde a criação do serviço de extensão rural no Brasil, na década de 1940 até a década de 1990, quando começaram as discussões sobre a necessidade de um novo modelo de extensão rural, pautado em metodologias participativas (CALDAS, ANJOS, 2021).

Um dos atributos necessários ao sucesso da extensão rural são as habilidades do profissional que trabalha com a extensão, que é denominado de extensionista rural. A criatividade pode ser

considerada uma dessas habilidades, imprescindível para o sucesso da ação extensionista. Para Caporal:

É preciso, por exemplo, identificar jovens rurais e agricultores que possam ser qualificados para ajudar os demais a resolver problemas simples de manejo agropecuário, estimular os mutirões e fortalecer o intercâmbio de conhecimentos entre famílias de agricultores, promover estágios de agricultores em propriedades, realizar pesquisa participativa e estimular o estabelecimento de interações que possibilitem a disponibilização e a socialização de saberes na relação agricultor x agricultor. Isso requer menos receitas e muito mais criatividade (CAPORAL, 2009, p. 160).

As atividades desenvolvidas pelo extensionista requerem, inicialmente, um planejamento mental, a imaginação, que é imprescindível para a posterior execução das atividades. A imaginação é um mediador para o desenvolvimento das ideias e ações que resultarão em atividades produtivas voltadas para o desenvolvimento rural. Essa formulação inicial sempre se dá levando em conta a realidade que se atua, devido a complexidade e especificidades que fazem parte da realidade do mundo rural.

As experiências adquiridas pelos agricultores ao longo de sua vida cotidiana também fazem parte desse processo (CAPORAL, 2009; DEPONTI, 2010). É imprescindível a relação dialógica de construção do conhecimento entre o extensionista e o agricultor, que também faz uso da criatividade nas tarefas do seu cotidiano.

Muitas vezes, ações e obras que deram certo e são úteis para o agricultor nas atividades rurais, inicialmente fizeram parte da imaginação dele, como por exemplo, quando desenvolve um instrumento de trabalho com os materiais que tem disponíveis na propriedade, para substituir um instrumento de alto custo que não tem condições de adquirir, prática comumente visualizada no meio rural. Ou, até mesmo, quando cria um instrumento novo, de acordo com as suas necessidades de trabalho.

Os sentimentos e emoções também influenciam o trabalho do extensionista rural. A sucessão geracional do estabelecimento rural, por exemplo, que consiste na transmissão não só dos bens, mas também dos conhecimentos, dos pais para os filhos é um exemplo de tema repleto de sentimentos e emoções que faz parte do cotidiano da ação extensionista. Muitas vezes há um ressentimento dos pais para com os filhos ou dos filhos para com os pais que impede o bom andamento do processo sucessório e que requer habilidade e criatividade por parte do extensionista para lidar com a situação.

O agricultor deve ser um ator na construção do conhecimento e não um mero receptor. É dever do extensionista saber mediar esse processo e desenvolver soluções sustentáveis e de acordo com a realidade local usando a criatividade.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo deste trabalho foi apresentar a noção de criatividade, com base na psicologia histórico-cultural de Vigotski, discutindo sugestões de trabalho criativo em dois espaços diferentes e importantes de aplicação criativa: a escola e a extensão rural.

A reflexão sobre a relação entre realidade e imaginação, propiciada por Vigotski (2014), nos permite afirmar que a imaginação constitui-se como base para a atividade criativa. A imaginação precede a criação. A criatividade se materializa na conclusão do ciclo da imaginação tratado por Vigotski (2014).

Essa compreensão – da relação imaginação e criatividade – não é apenas uma sofisticação teórica, mas uma necessidade básica ao desenvolvermos uma proposta de intervenção que se proponha a investigar o desenvolvimento da criatividade em crianças no contexto escolar e na extensão rural.

Em outras palavras, é preciso estar atento e criar um ambiente facilitador de processos imaginativos para que possamos investigar a criatividade como uma atividade mental do indivíduo que se materialize em algo novo, encerrando, assim, o próprio ciclo da imaginação.

## 5. REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice. A medida da Criatividade. In: PASQUOLI, Luiz. **Teoria e Métodos de Medida em Ciências do Comportamento**. Brasília: Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida / Instituto de Psicologia /UnB: INEP, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

CALDAS, N. V.; ANJOS, F. S. **Extensão Rural: Um manual para alunos de graduação**. Pelotas: Ed. UFPel, 2021.

CAPORAL, F. R. **Extensão Rural e Agroecologia: temas sobre um novo desenvolvimento rural, necessário e possível**, Brasília, 2009.

DEPONTI, C. M. **Intervenção para o Desenvolvimento Rural: O caso da extensão rural pública do Rio Grande do Sul**. 2010. 275 p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo, SP: Loyola, 1989.

KOBER, Cláudia. **Educação, trabalho e qualificação profissional**. Campinas: Autores Associados, 2004.

MARX, Karl. **Escritos económicos menores**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1987.

PEIXOTO, M. **Extensão rural no Brasil – uma abordagem histórica da legislação**. Senado Federal, Brasília, DF, 2008. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/publicacoes/estudos-legislativos/tipos-de-estudos/textos-para-discussao/td-48-extensao-rural-no-brasil-uma-abordagem-historica-da-legislacao>. Acesso em: 22 abr. 2022.

STERNBERG, Robert. **Psicologia Cognitiva**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criatividade na infância**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2014.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

**Submissão: 18/09/2022**

**Aceito: 03/10/2022**